

MIDIATIVISMO IMAGÉTICO NAS FANPAGES DE OCUPAÇÕES ESTUDANTIS SECUNDARISTAS

MEDIAACTIVISM IN THE FANPAGES OF SECONDARY STUDENT OCCUPATIONS

Tesista: Raquel Silva Barros¹

Nombre del Programa/Universidad: Doctorado en Educación/ Programa de Postgrado en Educación, Universidade Federal do Estado do Rio de Janeiro (UNIRIO), Brasil.

Director: Dra. Adriana Hoffmann Fernandes (UNIRIO)

Jurado Evaluador: Dr. Adriana Rocha Bruno (UNIRIO), Dra. Andrea Rosana Fretzner (UNIRIO), Dr. Eliane Ribeiro Andrade (UNIRIO), Dr. Aristóteles de Paula Berino (UFRRJ), Dr. Dilton Couto Junior (UERJ); Suplentes: Dra. Maria Luiza Oswald (UERJ) e Dra. Carmen Sanches Sampaio (UNIRIO)

Fecha de Defensa: 20 de agosto de 2020

Experimentamos o visual “por meio da cultura, por meio de construções simbólicas”, argumenta Nicholas Mirzoeff (1998). Alinhavando fios junto/com os estudos de cultura visual, compus a tese de doutorado pensando na experiência do olhar para além do campo biológico da visão. O ver com os olhos, o corpo, a mente, utilizando todos os sentidos possíveis. Percebendo o concreto e as abstrações; as linhas e as entrelinhas; o visto e o não visto; o permitido e o deixado de fora; as linhas colocadas, pensadas e sentidas, para que, em cordas bambas, nosso olhar caminhe sobre elas.

Em meio a um sentimento de mudança, transformação e resposta aos acontecimentos que se desenhavam no cenário político brasileiro, no ano de 2016, um grande movimento de ocupação estudantil aconteceu em nosso país. Ocupando escolas secundaristas, jovens de todo o Brasil uniram forças em um movimento que ficou conhecido por ‘Primavera Secundarista’. Vivendo em uma sociedade em que a visualidade está presente de forma latente, o movimento praticado pelos jovens estava atravessado por imagens produzidas e compartilhadas nas redes digitais através de dispositivos tecnológicos.

Diante desses atos de produção imagética, era urgente pensar: que imagens eram

produzidas pelos jovens ocupantes? O que diziam essas visualidades? Quais são os olhares que lançam essas imagens a serem ou não publicadas nas páginas oficiais das ocupações no *Facebook*? O objetivo do estudo foi investigar os principais temas que perpassaram as publicações nas *fanpages* diante das diferentes representações tramadas no movimento, através de visualidades em diálogo com os sujeitos.

O olhar investigativo que anuncio nessa dinâmica de construção metodológica do estudo é a *pesquisa narrativa visual*. A narrativa, aqui, é pensada nas/com as construções imagéticas que estabelecem formas de comunicação. Inspirada pelos estudos da Cultura Visual (Hernandez, 2007; Aguierre, 2013; Pla, 2013; Campos, 2013; Mirzoeff, 1998), que tem como campo de estudos a visualidade, compreendo as narrativas estabelecidas pelos jovens ocupantes como atos *mediativistas imagéticos*, em que se utilizaram de elementos visuais como forma de narrar e impulsionar o movimento.

Compreendemos as juventudes na atualidade como uma categoria heterogênea (Brenner & Carrano, 2014) tendo em vista que os jovens estão inseridos em contextos sociais, econômicos, políticos e culturais diversos. A pesquisa dialoga com jovens de três escolas públicas ocupadas no Estado do Rio de Janeiro em diferentes localidades: duas Estaduais na Zona Norte da cidade do Rio de Janeiro e uma Federal, na cidade de Seropédica.

Fotografando, editando, selecionando e armazenando, os jovens produziam e compartilhavam as mais diversas formas de imagens. Estas, por sua vez, quando publicadas em páginas do *Facebook*, as *fanpages*, ganhavam diferentes dimensões na rede. As ações dos jovens se resignificavam diante dos diferentes olhares que acompanhavam as dinâmicas que se estabeleciam cocriando narrativas que dialogavam e costuravam-se entre si.

Os dispositivos com suas diversas funções, entre os quais se incluem as câmeras de maneira tão relevante, possibilitam ao indivíduo registrar e partilhar criando e recriando imagens do cotidiano. A dinâmica cultural em tempos atuais abarca uma relação com as visualidades e o digital de forma intensa e cada vez mais presente. Telas de diversos tamanhos e formatos são integrados ao cotidiano das pessoas e o *smartphone*, por sua vez, vem sendo incorporado como um artefato indispensável.

Tecendo uma investigação que acompanhava as *fanpages* e frequentava eventos abertos nos espaços ocupados, a dinâmica do meu olhar se recriava buscando ir além do que podia ser visto a olhos nus (Mirzoeff, 1998), mas interpretando e sentindo a partir de minhas experiências e vivências, assim como o faziam os sujeitos da pesquisa, alinhando suas narrativas.

Os diálogos que se construíram trouxeram uma percepção sobre suas motivações em estar ali ocupando o espaço da escola. A partir de seus relatos, seus desenhos, suas pinturas, suas músicas, danças, risos, seus grafites e suas trocas, eles

estabeleciam narrativas que se digitalizavam através de imagens que percorriam as redes.

As narrativas imagéticas se desenharam em temáticas que abarcavam: a produção de cartazes; as oficinas e cronograma de atividades; os manifestos, as pautas das ocupações, as assembleias e passeatas; as tentativas de desocupação; a arrecadação de doações, cuidado e limpeza; as oficinas de grafite; os eventos artísticos e bem-estar.

Nessa itinerância percorrida no estudo, percebi que as ações ocorriam em forma de ativismo utilizando aportes do contexto do digital conectado em rede como potência. Era a forma de interlocução que eles buscavam, através da relação daquele que está presente nas ocupações, junto àqueles que navegam pelas interfaces de suas páginas. Essa forma de ação dialoga com o que Castells (2013) define como comunicação. Esse processo, segundo ele, constitui um compartilhamento onde a troca de informações opera com o objetivo de partilhar significado e que encontra no espaço público a possibilidade de comunicação socializada através das narrativas imagéticas tecidas pelos jovens.

Registrando e publicando as imagens, os jovens costuravam suas narrativas em uma perspectiva de pensar no registro como uma forma de guardar a história, de tomada de ação a partir de suas publicações como me disse um jovem: “*as imagens trazem as histórias... os retratos*”. O que esses retratos destacariam? Muito têm a dizer seus atores. Muito tem a imaginar quem as vê.

Compreendi, nas ocupações, que as narrativas foram compostas de enunciações em que é preciso estar aberto às escutas com o corpo e a alma. As visualidades que, de início, procurava enxergar através do que meus olhos viam foram sendo sentidas e percebidas à medida que me embrenhava nos eventos das ocupações que se faziam nos espaços digitais/físicos. Uma forma diferente de perceber a educação, transpondo as barreiras do tradicionalismo e abrindo caminhos para uma cultura em que a autonomia e outras possibilidades de fazer/ser se fizessem possíveis.

Grafites, desenhos, riscos, rabiscos, pichações, cores, recortes e formas faziam parte do cotidiano de expressões desses jovens. Quantas vezes visualizamos essas manifestações inscritas nos mais diversos locais públicos que frequentamos dentro ou fora da escola? Percebi que, na verdade, esse dentro e fora da escola se misturam em uma realidade que não dissocia o que está ou não inserido em seus muros, assim como os dispositivos portáteis que esses jovens utilizam cotidianamente. As barreiras, ou os muros, são sim, também, transponíveis nesse cenário. Eles carregam consigo essas experiências e subvertem as proibições.

A partir desse movimento, como pensar na escola como uma instância formativa que integre as necessidades dos jovens? Como pensar as visualidades que atravessam a escola como forma de pensar uma educação emancipadora? As

ocupações estudantis nos ensinam que, sim, é possível desatar os nós, ainda que as amarras persistam em enlaçar nossos olhares. É possível enxergar além, aprendendo, dia após dia, a desnudar o nosso ato de ver e refletir sobre a educação.

Notas

Doctora en Educación (UNIRIO). Magister en Educación (FEBF). Licenciada en Letras (UCB) y Profesora en la Secretaria Municipal de Educación del Río de Janeiro SME-RIO e Mesquita (SEMED), Brasil. E- mail: raquelsb23@gmail.com

Referências bibliográficas

Aguierre, Imanol. (2013) “Reflexividade e desafios na pesquisa com jovens produtores de cultura visual”. En: MARTINS, Raimundo; TOURINHO, Irene (Orgs.) (2014). *Processos e práticas de pesquisa em cultura visual e educação*. Santa Maria: Editora UFSM, p. 291-320.

Brenner, Ana Karina; Carrano, Paulo Cesar Rodrigues. (2018). Os sentidos da presença dos jovens no ensino médio: representações da escola em três filmes de estudantes. *Revista Educação e Sociedade*, v. 35, n. 129, p. 1223-1240.

Disponível em: <<http://www.scielo.br/pdf/es/v35n129/0101-7330-es-35-129-01223.pdf>>
Acesso em 24 jul.

Campos, Ricardo. (2013) *Introdução à Cultura Visual: abordagens e metodologias em Ciências Sociais*. 1 ed. Lisboa: Mundos Sociais.

Castells, Manuel. (2013) *Redes de Indignação e Esperança: movimentos sociais na era da Internet*. 1 ed. Rio de Janeiro: Zahar.

Hernandéz, Fernando. (2013). “Pesquisar com imagens, pesquisar sobre imagens: revelar aquilo que permanece invisível nas pedagogias da cultura visual”. En: Martins, Raimundo; Tourinho, Irene (Orgs.) *Processos e práticas de pesquisa em cultura visual e educação*. Santa Maria: Editora UFSM, p. 77-95.

Mirzoeff, Nicholas. (1998). What is visual culture? In: Mirzoeff, Nicholas (Org.). *The visual Culture Reader*. London: Routledge, p. 3-14.

Pla, Alfred Porres. (2013). “Conversações na aula de cultura visual”. En: Martins, Raimundo; Tourinho, Irene (Orgs.). *Processos e práticas de pesquisa em educação*. Editora UFSM: Santa Maria, p. 154-178.